

<https://doi.org/10.46272/2409-3416-2022-10-3-70-87>

A Operação Toba no Nordeste Argentino: a disseminação do Estado de Terror (1975–1977)

© Jussaramar da Silva, 2022

Jussaramar da Silva, Doutora em História, pesquisadora, Centro de Estudos de História da América Latina e Caribe, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Brasil); pesquisadora, Laboratório de Economia e História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Brasil)
E-mail: jussaramar@gmail.com
Para correspondência: 05014-901, Brasil, São Paulo, Rua Monte Alegre, 984

Recebido: 25.07.2022

Revisado: 27.08.2022

Aceito: 07.09.2022

Para citação: Silva, Jussaramar da. "A Operação Toba no Nordeste Argentino: a disseminação do Estado de Terror (1975–1977)" [Operation Toba in Northeast Argentina: the spread of the State of Terror (1975–1977)]. *Cuadernos Iberoamericanos* 10, no. 3 (2022): 70–87. <https://doi.org/10.46272/2409-3416-2022-10-3-70-87>. [In Portuguese]

→ Resumo

A proposta deste artigo é demonstrar como uma experiência de repressão interna desenvolvida pelo Estado argentino foi repassada para o Paraguai durante as reuniões de integração de seus sistemas de inteligência realizadas por militares, na década de 1970, visando operações conjuntas de perseguições políticas e de extermínio dos opositores às ditaduras que grassavam nesses dois países. Para tanto, será utilizado como exemplo a análise de uma documentação que relata aos militares paraguaios as estratégias e táticas de guerra desenvolvidas pelas forças armadas argentinas na denominada Operação Toba, quando do encontro denominado Ilda Reunion Regional Bilateral de Inteligência entre los Ejercitos de la Republica del Paraguay y de la Republica Argentina, em 1978. A importância de discutir a Operação Toba é trazer ao debate e demonstrar a similaridade das repressões ocorridas em outros locais do Cone Sul. As técnicas e táticas utilizadas corroboram na compreensão de como massacres de tal ordem possuem sincronia repressiva e se coadunam num único processo internacionalizado de repressão. Embora a repressão denominada Operação Toba tenha se desenvolvido apenas pelo Estado argentino, a mesma demonstra um encadeamento internacional da repressão, assim como a similaridade no modus operandi dos preceitos da Doutrina de Guerra Contrarrevolucionária,



desenvolvida pelos franceses durante os combates na Indochina e Argélia nos anos de 1950 que ganharam o mundo.

→ Palavras-chave

Operação Toba, Sistemas de Inteligência no Cone Sul, Doutrina de Guerra Contrarrevolucionária, Conferência Bilateral de Exércitos, ditadura civil, ditaduras militar, ditadura empresarial

Declaração de divulgação: Nenhum potencial conflito de interesse foi relatado pelo autor.¹

Research article

<https://doi.org/10.46272/2409-3416-2022-10-3-70-87>

Operation Toba in Northeast Argentina: the spread of the State of Terror (1975–1977)

© Jussaramar da Silva, 2022

Jussaramar da Silva, Dr. (History), Researcher, Center for the Study of Latin American and Caribbean History, Pontifical Catholic University of Sao Paulo (Brasil); Researcher, Laboratory of Economics and History, Federal Rural University of Rio de Janeiro (Brasil)
For correspondence: 05014-901, Brasil, São Paulo, Monte Alegre St., 984

E-mail: jussaramar@gmail.com

Received: 25.07.2022

Revised: 27.08.2022

Accepted: 07.09.2022

For citation: Silva, Jussaramar da. "A Operação Toba no Nordeste Argentino: a disseminação do Estado de Terror (1975–1977)" [Operation Toba in Northeast Argentina: the spread of the State of Terror (1975–1977)]. *Cuadernos Iberoamericanos* 10, no. 3 (2022): 70–87. <https://doi.org/10.46272/2409-3416-2022-10-3-70-87>. [In Portuguese]

→ Abstract

The purpose of this article is to demonstrate how Argentine experience of internal repression was passed on to Paraguay as a result of the meetings between its intelligence services. The meetings were carried out by the military in the 1970s, aiming at joint operations of political persecution and extermination of the opponents of the dictatorships that prevailed in these two countries. The author analyzes documentation transmitted during the meeting called Ilda Regional Bilateral Meeting of Intelligence between Paraguay and Argentina in 1978. Documentation

1 Este artigo foi organizado a partir da discussão do capítulo 4 da tese de doutorado da mesma autora, intitulada *As conexões repressivas no Sistema Internacional De Repressão: instauração do Terror de Estado no Cone Sul (1960–1990)*, defendida em 2017 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob orientação da Professora Vera Lúcia Vieira, no Programa de Estudos Pós-graduados em História Social, com bolsa Capes.

reports to the Paraguayan military the strategies and tactics of war developed by the Argentine armed forces in the so-called Operation Toba. The importance of discussing Operation Toba is to demonstrate the similarity of the repressions that took place in other countries of the Southern Cone. The techniques and tactics used illustrate that such massacres have repressive synchrony and are consistent with a single internationalized process of repression. Although the repression called Operation Toba was developed only by the Argentine State, it demonstrates an international chain of repression, as well as the similarity in the *modus operandi* of the precepts of the widespread Counter-Revolutionary War Doctrine, developed by the French during the fighting in Indochina and Algeria in the 1950s.

→ Keywords

Operation Toba, Southern Cone intelligence services, Counterrevolutionary War Doctrine, Bilateral Conference of Armies, civil dictatorship, military dictatorship, corporate dictatorship

Disclosure statement: No potential conflict of interest was reported by the author.

A *Operação Toba* aconteceu na região Nordeste argentino, nas localidades das províncias de Chaco, Formosa, Corrientes e Misiones, entre os anos de 1975 e 1977, para combater as Ligas Agrárias. Essas Ligas tiveram forte influência da Igreja Católica, através do Movimento da Teologia da Libertação. A Operação contou com quatro fases: a Operação Toba I, a Operação Toba II, a Operação Toba III e a Operação Toba IV. A discussão deter-se-á especialmente nas três primeiras fases da Operação, uma vez que a documentação a que tive acesso no Arquivo do Horror no Paraguai conta apenas com detalhamento das três fases. Contudo, ao longo da pesquisa bibliográfica, tanto sobre as Operações quanto sobre a realidade social dessas províncias, foi possível encontrar informações sobre a quarta fase.

É importante destacar que está se falando de um massacre a trabalhadores e pequenos proprietários rurais, alguns deles com a posse de suas terras e outros ocupantes de terras devolutas. Não cabe aqui adentrar em toda uma discussão sociológica da composição social das classes do campo; pois são bastante distintas e, por si só, a compreensão dessas classes no Nordeste argentino comporia uma tese. Genericamente, adotarei a terminologia camponeses; sabendo que ali se encaixam tanto os trabalhadores sem-terra quanto os assalariados, os meeiros, os pequenos proprietários. Enfim, toda uma gama de situações econômicas bastante diversas em cada uma das províncias. O massacre que se sucedeu foi para provocar a desmobilização desses camponeses que compuseram a formação de Ligas Agrárias.

“Las Ligas Agrarias”, es un proceso que se inicia a fines de 1970 y prácticamente termina en marzo de 1976 con la destitución del gobierno de Isabel Perón. Consiste en una sucesión de movilizaciones de un espectro muy amplio de productores – desde campesinos minifundistas pauperizados hasta chacareros medianos – que se

dan una organización, primero provincial, regional y finalmente nacional, bajo la denominación genérica de "Ligas Agrarias", y agrupó en su conjunto a más de 20.000 familias y 54.000 jóvenes, según lo expresaran en 1973¹.

Como veremos logo adiante, trata-se da formação de organizações sociais que lutaram, estabelecendo reivindicações mínimas e que foram duramente reprimidas. Embora a repressão tenha se iniciado antes de 1976, foi com a consolidação do Golpe naquele ano que o processo repressivo se intensificou também nas zonas rurais, conforme aponta Roze, discutindo as Ligas Agrárias e as lutas dos trabalhadores rurais.

A repressão no Nordeste argentino – modus operandi da Guerra Contrarrevolucionária: a experiência a ser transmitida

A Operação Toba, foi uma ação de guerra visando a desmobilização das Ligas Agrárias existentes no Nordeste da Argentina. A região em que o movimento acontecia localiza-se principalmente nas Províncias de Formosa, Chaco e Corrientes, todas províncias de fronteira.

A preocupação do Estado com as Ligas Camponesas se agudizou nos idos de 1972, momento em que a Juventude Peronista ocupava as ruas das cidades e, em especial, as da capital exibindo cartazes com a legenda de "Montoneros".

Sobre os Montoneros, cumpre esclarecer alguns aspectos; pois o mote da Operação Toba era essa organização guerrilheira, sobre a qual os militares fazem uma retrospectiva logo no começo do documento. O fato é que as lutas entre as guerrilhas surgidas na década de 1950 e as forças armadas sofrem uma inflexão em 1972, pois a violência do Estado, sob a égide da Guerra Contrarrevolucionária, se expandiu, passando a atingir populações não diretamente vinculadas a elas.

As referências a tal operação encontram-se nas atas de uma reunião denominada *Ilda Reunion Regional Bilateral de Inteligencia entre los Ejercitos de la Republica del Paraguay y de la Republica Argentina*, que ocorreu em 1978².

Ao que tudo indica, tratava-se de mais uma das várias reuniões ou conferências entre as forças armadas, argentina e paraguaia, visando a integração de seus sistemas de segurança nacional no combate ao "inimigo interno", ou seja, a perseguição a indivíduos e integrantes da sociedade civil, de forma disseminada e que já aconteciam com certa regularidade desde os anos de 1970³.

Em uma dessas reuniões, os militares argentinos relatam as operações de guerra executadas contra segmentos da população do Nordeste de seu país, a denominada *Operação Toba*, em 1975 e 1976 para combater "*Organizaciones subversivas que actúan en Jurisdicción del Dest. Icia. 124*". Em princípio, as tais organizações pareciam referir-se apenas aos Montoneros, mas ao longo do relato, observa-se que se tratava de algo mais: acabar com as Ligas Agrárias.

A Operação Toba foi realizada somente pelo Exército Argentino. Mas os relatos das atividades demonstram que fora muito elucidativo para os argentinos e que deveria servir de exemplo sobre como desenvolver atividades nesse mesmo formato pelos paraguaios.

1 Roze 1992, 10.

2 "Ilda Reunion Regional Bilateral de Inteligencia entre los Ejércitos de la República del Paraguay y de la República Argentina," Archivo del terror, documento 0246F0373 a 0246F0427 Secreto, 27-28/06/1978; Por se tratar de um volume documental extenso, tal documento será denominado como Reunion durante o texto. O volume cobre os documentos 0246F0373 a 0246F0427, e são datados de 27-28/06/1978. Serão doravante denominados Reunion.

3 Jussamar da Silva, "As conexões repressivas no Sistema Internacional de Repressão: instauração do Terror de Estado no Cone Sul (1960-1990)" (Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017), 276.

Há um caráter didático nessas explicações e seu somatório culmina com a ideia de que ambos os exércitos deveriam continuar mantendo contato e combatendo conjuntamente seus inimigos subversivos, na lógica da Guerra Contrarrevolucionária¹.

O relato do exército argentino sobre o Montoneros parte de sua atuação a partir de 1973, vinculando-os às divisões ocorridas no interior do peronismo. Segundo os militares, apesar do desbaratamento ocorrido nos anos anteriores, o recrutamento para a Organização recomeçara em 1974, realizando-se treinamentos para a luta armada. Percebe-se que tinham clara compreensão da organização, já que explicam as Colunas Montoneras e suas localizações na região Nordeste, abarcando Chaco, Formosa, Corrientes e Misiones.

Tal recrudescimento parecia-lhes que, por mais que combatessem a luta armada, ela renascia das cinzas, sendo, portanto, necessário extirpá-la de uma vez por todas.

A partir de então, a luta para combater os Montoneros atingiu os camponeses e também estudantes,² produzindo um verdadeiro massacre, conforme veremos. A operação de guerra desencadeada, já em formatos modernos, aplicava os princípios do que eles denominam "Guerra Revolucionária", observando-se uma série de particularidades em cada uma das fases, tendo em comum o fato de que toda a sociedade estava sob suspeita e que as ações objetivavam controlar a sociedade civil em todas as suas modalidades.

A ditadura argentina inaugurada em 1976 dividiu o país em regiões de forma a facilitar a caçada e o extermínio; como se observa no depoimento de Servent citado por Robin³:

Toda la guerra estuve basada en la división territorial en zonas, subzonas, sectores, algo que fue muy beneficioso por los resultados, pero muy problemático para la dirección de la guerra. Finalmente, esto dispersaba los niveles de responsabilidad, porque cada uno se sentía propietario de un pedazo de territorio, como en la época feudal: esto es tuyo, esto es mío... Esto hace mucho más difícil el control por la jerarquía de la lucha contra la subversión...

Tal modelo de divisão tem inspiração na Batalha de Argel, uma vez que os franceses estavam na Argentina prestando assessoria. Aussaresses explicou que na Argélia, as regiões foram divididas em quatro zonas, cada uma delas de responsabilidade de um Regimento de Infantaria Paraquedista⁴.

A *Ilda Reunion Regional Bilateral* citada anteriormente, foi mais uma de uma série que já vinha ocorrendo há vários anos, todas tratando da integração entre os países no combate ao "inimigo interno".

Assim, por exemplo, entre 3 e 7 de Maio 1976 ocorrera a *IV Conferencia Bilateral de Inteligencia entre los Ejercitos de Paraguay y Brasil*. Nela, sob o título "*Actividades subversivas interna y su conexión con el Exterior, desde el mes de Noviembre 1974 a la fecha*", o Paraguai

1 A respeito da Doutrina Francesa, há uma série de referências que demonstram a disseminação de tal doutrina mundo afora. Criada pelo exército francês, teve como nomenclatura Doutrina de Guerra Revolucionária, e a partir das experiências da Indochina e Argélia, fora disseminada pelo mundo. Aqui, será denominada como doutrina francesa ou com o nome de Doutrina de Guerra Contrarrevolucionária (DGCR), dado o seu caráter preventivo e contrarrevolucionário assumido.

2 Aliás, o receio da articulação dos Montoneros já havia desencadeado várias ações "preventivas" na Argentina, dentre as quais podemos citar a que resultou na série de sequestros e no assassinato de estudantes secundaristas da Província de La Plata que haviam se mobilizado contra o aumento das passagens de ônibus, em setembro de 1976. Conhecida como "La noche de los lápices", a operação foi desencadeada pelo Batalhão 601 do Serviço de Inteligência do Exército e a Polícia da Província de Buenos Aires e "dirigida pelo então general Ramón Camps, que calificó al suceso como *lucha contra el accionar subversivo en las escuelas*"; "16 de septiembre: Día de los Derechos de los estudiantes secundarixs, en conmemoración de la Noche de los Lápices, ocurrida en 1976," Almanaque FME, accessed June 30, 2022, <https://almanaquefme.org/?p=6091>.

3 Robin 2014, 316.

4 Aussaresses 2001, 116.

apresentou aos países vizinhos um balanço, com dados minuciosos acerca da “subversão” na região, inclusive sobre os problemas fronteiriços, de passagens dos eventuais subversivos de um país a outro e sobre grupos e pessoas que eram de oposição ao governo de Stroessner. O balanço foi apresentado pelo General de Divisão Francisco A. Britez, chefe do Departamento de Inteligência da Polícia da Capital, a mando do então chefe da ESMAGENFA, o General de Divisão¹

Em 1977, outro balanço das “ACTIVIDADES SUBVERSIVAS DENTRO DEL PAIS” foi apresentado pelo Pastor Coronel, Chefe de Polícia do Paraguai, na Conferência Bilateral de Inteligência – Paraguai e Argentina, a mando do General de Brigada e Subchefe do Estado Maior Geral do Exército Paraguuaio, Guillermo F. Clebsch².

Por fim, Calloni³ informa sobre a *Reunion* que:

Esto es solo uno de los documentos entre una serie del mismo tipo y otros que confirman plenamente el Operativo Cóndor. Asimismo muestra la similitud de este documento con el ya mencionado (...), enviado por el coronel Robert Scherrer (FBI) a sus jefes en Washington.

Não há dúvidas de que a autora, ao tratar do Condor, e tendo encontrado tal documento de caráter bilateral, o tenha compreendido como parte dessa mesma Operação.

Ela tem razão ao perceber que o dispositivo de trocas de informações, técnicas, táticas e prisioneiros possuem bastante similaridade. As atividades dessas fases, tenham a nomenclatura que tiverem, possuem dispositivos semelhantes e acontecem com o mesmo objetivo: eliminar os inimigos dos Estados que, sob a égide do capitalismo, precisam lançar mão de ditaduras para fazer as renovações de parques industriais, numa lógica de divisão internacional de tarefas do capital, mas há que se ressaltar que não se trata da Operação Condor, mas de um dispositivo do Sistema Internacional de Repressão, capaz de abarcar operações e atuações distintas, sob a égide dos modelos de neoliberalismo que se implantavam nos anos de 1970⁴. Ao demonstrar que, apesar de suas diferenças, essas atividades compõem uma mesma matriz de ação; a pesquisa destaca que necessitamos compreender o conjunto desses fenômenos a fim de conseguir abarcar o mesmo tipo de prática.

O percurso da pesquisa demonstra que as características das Operações fizeram-se por suas particularidades. Ao contrário do que os pesquisadores inicialmente previam – que se tratava da eliminação de inimigos mais destacados, com renome e importância internacional –, as pesquisas mais recentes indicam que as vítimas eram todas as que interessavam aos diversos países envolvidos.

A nomenclatura usada para designar o inimigo, como “comunista” ou “subversivo” era elástica o suficiente para que quaisquer pessoas pudessem ser caracterizadas como tais. Dessa forma, não apenas os militantes, mas todos os que interessassem poderiam receber a denominação e ser colocados sob suspeição. Da mesma forma, as atividades bilaterais de inteligência relacionavam-se aos Estados ou regiões em que estavam envolvidos.

As atividades bilaterais já ocorriam antes de 1975, quando se marca o início das multilaterais – Condor. O ano de 1975 marcou o início oficial do Condor, mas tal operação não paralisou as demais; pois, para além do combate ao “comunismo” ou à “subversão”, sua

1 “Ilda Reunion,” Documento 021F1553 de 27 de abril de 1976.

2 “Ilda Reunion,” Documento 021F1692 de 5 de setembro de 1977.

3 Calloni 2001, 239.

4 Na pesquisa doutoral, percebi que algumas ações de estados, de caráter bilateral foram nomeadas como Condor. Em que pese não fazer diferença o nome da Operação, é necessário salientar que o Condor apresenta processos persecutórios envolvendo países membros das operações. Todavia, a partir da disseminação da doutrina francesa pelos Estados Unidos, a presença de franceses em vários países no mundo sob ditaduras, percebe-se que se trata de um sistema que ultrapassou o Cone Sul. Portanto, nomear como Condor não dá a dimensão de que países como os Estados Unidos, França, Inglaterra, Israel, Taiwan, além dos países da região estiveram envolvidos nessas ações. Adotou-se, ao longo das pesquisas a denominação Sistema Internacional de Repressão; Jussaramar da Silva, “As conexões repressivas.”

última finalidade era a da defesa da manutenção do capitalismo, de setores das burguesias nacionais, de capital associado ao internacional, já bastante comprovado por autores como Dreifuss¹ e Fernandes².

Estudiosos que tratam, por exemplo, da Operação Condor explicam que a criação dessa Operação aconteceu devido à articulação dos grupos de oposição às ditaduras instaladas na região: a *Junta Coordinadora Revolucionária* (JCR) que reunia o PRT- ERP da Argentina; o *Movimiento de Liberación Nacional – Tupamaros*, do Uruguai; o *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* (MIR) do Chile e o *Ejército de Liberación Nacional* (ELN) da Bolívia.

Todavia, operações anteriores à formalização do Condor demonstram já haver atividades, ao menos bilaterais, acontecendo na região, reunindo forças de segurança dos Estados no combate ao inimigo “subversivo”.

É nesse contexto que ocorre a *II da Reunion Regional Bilateral de Inteligência entre los Ejercitos de la Republica del Paraguay y de la Republica Argentina*, onde o dispositivo desencadeado pelo Exército argentino, denominado Operação Toba, foi a pauta.

A ata dessa reunião recebeu o carimbo de “Secreta” e lista 9 itens estabelecidos durante a Reunião. Os assinantes de tal documento foram Benito Guanes Serrano, Chefe do II Departamento do Estado Maior Geral das Forças Armadas Paraguias e o Coronel Juan Félix Porcel de Peralta, G-2 do II Cuerpo de Ejercito. A respeito do *II Cuerpo de Ejercito*, encontramos a seguinte denúncia sobre os responsáveis pela jurisdição:

La determinación sobre la suerte de los presos era al principio tomada por el II Cuerpo de Ejército, al mando del general Díaz Bessone hasta octubre de 1976. Después le sucedió Galtieri. A partir de la asunción de éste al Comando, aumenta considerablemente la cantidad de fusilados. Apenas llega, se escapó un detenido del Servicio de Informaciones, por lo que Galtieri ordenó que se fusile a todos los que habían sido secuestrados con el fugado. Eran siete personas, entre ellas, la mujer de un dirigente sindical, relató a la revista “Caras y Caretas”, en abril de 1984, Angel Ruani³.

Como se vê, 1976 é bastante emblemático das ações do Estado Argentino: a ditadura assumiu a sua faceta mais cruenta. O domínio Nunca Más também traz relatos sobre o *II Cuerpo de Ejercito*:

Dependiente de la VII Brigada de Infantería con asiento en la ciudad de Corrientes, las operaciones represivas se coordinaron a través de la Brigada de Investigaciones de Resistencia donde, según denuncias recibidas, ya se habrían verificado casos de secuestros y torturas durante el año 1975.

Cuando este método se institucionalizó, se organizó un circuito de lugares para ser utilizados como centros ilegales de detención y de tortura⁴.

A institucionalização da repressão foi demarcada com o Golpe. Pode-se ver na ata esse processo se consolidando. Na ata das resoluções finais do evento, observa-se que ela foi um resumo, constando dela apenas os encaminhamentos práticos a serem tomados para fins de que

1 Dreifuss 1981, 105.

2 Fernandes 2006, 65.

3 Frade 2000, 46.

4 “Centros clandestinos de detención en jurisdicción del II Cuerpo de Ejército,” Nunca Más, accessed June 6, 2022, <http://www.desaparecidos.org/arg/conadep/nuncamas/190.html>.

No transcurso de suas deliberações, se trocou informação e inteligência referente ao desenvolvimento da subversão no marco continental, no marco nacional de cada país e no marco regional, com particular ênfase à área fronteiriça comum¹.

Cabe destacar que, das atividades, previu-se manter a troca de informações na área de fronteira realizadas entre o Estado Maior Paraguuaio e o Destacamento de Inteligência 124, mais o Comando da Brigada de Infantaria VII, ambos argentinos. Os tópicos seguintes também se referem a manter (portanto, já existiam anteriormente), a partir do enlace obtido através do Adido Militar, medidas de segurança na fronteira; aprofundar a ofensiva sobre a subversão, especialmente aos Partidos Comunistas de ambos os países; estabelecer troca de informações para situações de cidadãos sem documentos; realizar reunião conjunta para estabelecer normas de expulsão de cidadãos de ambos os países.

Conjuntamente a essas medidas estabelecidas, ainda foram definidas as seguintes, as quais tratarei em separado, pois repercutiam diretamente numa tática ainda mais profunda de caçada aos inimigos. A primeira delas foi a de que "cada órgão de Inteligência atuaria em todas as atividades de investigação e detenção em forma independente dentro dos limites de seu país".

Mas o item seguinte complementa que: "*según la importancia del blanco se podrán efectuar consultas bilaterales y se autorizará el trabajo conjunto en los interrogatorios*"²; demonstrando que, em se tratando de realizar a caçada aos "subversivos", as táticas poderiam adentrar o país vizinho, tendo a presença de policiais de ambos os lados da fronteira para os interrogatórios.

Além disso, não se previa nenhuma sanção, caso o preso fosse estrangeiro, cabendo a cada um dos países a definição das medidas a serem tomadas, sem a salvaguarda de sua integridade, pois se tratava de um inimigo de Estado. E, por fim, "se estableció como forma para el intercambio de información el contacto personal, previa comunicación telefónica, utilizando un sistema de claves, para facilitar el encubrimiento del tráfico"³. No final do documento, esse item ficou melhor especificado, quando se diz sobre a possibilidade de "obter radio BLU em forma permanente entre o chefe do Destacamento de Inteligência 124 e o Departamento de Inteligência das Forças Armadas Paraguaiaias"^{4 5}.

O documento dessa *Reunion* veio organizado da seguinte forma: a ata acima mencionada, com as respectivas assinaturas, o programa mais geral do evento, bem como os nomes dos respectivos responsáveis por cada uma das falas, índice, programa pormenorizado do evento, membros de cada delegação.

No dia 27 de junho de 1978, o Exército Paraguuaio foi responsável pela exposição. Já no dia 28, a exposição ficou ao cargo da Delegação Argentina. O evento concluiu-se no dia 29, com a leitura e assinatura da Ata.

A parte que analisamos pormenorizadamente, e que nos interessa para as reflexões deste artigo, é o balanço argentino acerca da "subversão" na região fronteiriça, sendo a segunda parte do documento por eles apresentada durante a *Reunion*.

1 "Ilda Reunion," Documento 246F0373.

2 "Ilda Reunion," Documento 246F0373 e 0374.

3 "Ilda Reunion," Documento 246F0374.

4 Solicitar posibilidad de obtener radio BLU en forma permanente entre J Dest Icia 124 y el Dpto Icia FFAA PARAGUAYAS.

5 Embora se tenha buscado de diversas formas as informações sobre esse tipo de sistema de comunicação, não foi possível estabelecer que tipo de transmissão de dados se tratasse. Os grifos do nome da Radio BLU estão no original, possivelmente referindo-se a um código. Houve contatos com especialistas que se referem ao tema de transmissão de dados dentro das Forças Armadas no Brasil, bem como com especialistas que lidaram com os dados de cifragem de documentos da Operação Condor. Não foi possível rastrear essa informação. Agradeço a gentileza da pesquisa dessas informações a Wagner Luiz Bueno dos Santos, Vera Lucia Vieira, Nilson Mariano e Enrique Serra Padrós (*in memoriam*).

O escopo da Operação Toba – a Doutrina de Guerra Contrarrevolucionária

Na Argentina, desde os anos 1950, durante os governos de Frondizi e Illia, ainda sob a égide das constitucionalidades democráticas, o tema da defesa da segurança interna passou a ser prioritário nas esferas mais centrais do poder. Particularmente entre os agentes das Forças Armadas, que ficaram incumbidas de definir seus princípios teórico-operativos, os quais acabaram por ser fixados na lei de Defesa Nacional de nº16.970, sancionada em meados de outubro de 1966 e regulamentada pelo decreto nº739 de 1967 por Juan Carlos Onganía, militar empossado presidente pelas três forças armadas que haviam encabeçado o golpe de estado contra o presidente Illia.

É nesse contexto que as forças armadas argentinas passaram a priorizar, seguindo os preceitos da Guerra Fria, a luta contra o “inimigo interno” e, segundo¹, incorporaram o termo ‘guerra revolucionária’ contra o inimigo “comunista”. Conforme vimos, a guerra revolucionária era afeta aos seguintes termos,

Terrorismo, guerrilha, insurreição, movimento de resistência, combate não convencional e conflito assimétrico, por exemplo, são alguns dos conceitos ou práticas abarcadas pelo conjunto de ideias, mais amplo e muito compreendido, denominado Guerra Irregular².

As teorias criadas em Escolas Superiores de Guerra, que embasaram Leis de Segurança, serviram para auxiliar nesse tipo de combate, munindo grupos vinculados às burguesias locais de arsenal teórico e militar com o fim de exterminar forças oposicionistas. Na Argentina, a Lei de Segurança Nacional encetou o conceito de “comoção interna”, com o objetivo de combate ao formato do tipo revolucionário.

Não só com o fim do último Governo de Perón; mas, desde os anos anteriores, as forças que atuavam contra as classes trabalhadoras já estavam organizadas de forma clandestina, sob a égide da Lei de Segurança Nacional e das estratégias e táticas da Guerra Contrarrevolucionária. A Aliança Anticomunista Argentina (Triple A) agia desde 1973 e foi nesse clima, após a morte do dirigente, que as atividades encobertas continuaram no país. Longe de ser uma faceta localizada, as “ações encobertas” iniciadas por esquadrões da morte estavam intimamente vinculadas às operações desenvolvidas pelos Estados.

Operação Toba: fases I, II e III

Desencadeada em 1975, contra os camponeses da região do nordeste argentino que, desde fins dos anos de 1970, em resposta à crise econômica, passaram a atuar conjuntamente, unificando suas organizações, o que os levou à formação das Ligas Agrárias do Nordeste argentino.

A justificativa para o início das Operações Toba era a de que se tratava de uma ação cívica, pela qual o Estado tinha o objetivo declarado de “erradicar a la ‘subversión’”³. A fachada dessas operações era a pintura de escolas e consertos nas instituições estatais, as quais escondiam as “outras operações”, destinadas a “marcar” os futuros presos políticos, de acordo com julgamento em Misiones⁴. As ações estiveram sob o comando do II Corpo

1 Pontoriero 2015, 10.

2 Visacro 2009, 7.

3 Claudia Calvo, “Representaciones sobre el pasado reciente en el campesinado chaqueño. El caso de las Ligas Agrarias y la experiencia de la repression,” XI Jornadas de Sociología, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires.

4 “Comienza un nuevo juicio por delitos de lesa humanidad en Misiones,” *El Territorio*, March 19, 2012, <http://www.territorioidigital.com/nota3.aspx?c=6006844732566538&r=1>.

de Exército, que era responsável por uma das seis zonas nas quais a Argentina esteve dividida. Do ponto de vista da estratégia, buscava-se “*conservar o recuperar el apoyo de la población, recuperar el dominio de la zona (restablecer el orden) y aniquilar la subversión*”¹. Assim se iniciaram as Operações Toba I, II, III.

É interessante notar a correlação de *modus operandi* dentro das operações nacionais. Durante os anos de 1970, no Brasil, foram desencadeadas as operações para desbaratamento da Guerrilha do Araguaia. De acordo com Mechi², as ações foram desmembradas em fases. Houve uma Operação desencadeada pela Polícia Militar na região de Xambioá, denominada Ação Cívico-Militar (Aciso)

Por decisão do general Vianna Moog, alguns efetivos permaneceram na área. A Polícia Militar de Goiás passou a controlar a região de Xambioá e a do Pará, a de São Geraldo. Do Exército, ficaria o 36º Batalhão da Infantaria de Uberlândia, sob o comando do general Bandeira, realizando a Operação Presença, que visava empreender ações de cunho social, uma Aciso³.

As Aciso tinham o caráter de reconhecimento de campo, levando atividades de assistência médica e odontológica, que sabidamente o Estado reconhecia como deficitárias na região. Os dados sobre atendimentos deficitários já existiam, mas apenas após o início das atividades do PCdoB na região é que o Estado interveio, muito mais no sentido de cooptação de camponeses e levantamento de dados, do que para prestar serviços assistenciais à população⁴. Também foi dentro da Aciso que se criou a possibilidade de deslocamento de helicópteros e aviões para a região do Araguaia, tal como fora relatado aos Fiscais que faziam investigações no Chaco sobre os restos mortais resultantes da Operação Toba. No caso do Araguaia, a historiadora ainda narra momentos em que cabeças ou mesmo o corpo do guerrilheiro Osvaldão eram transportados nos helicópteros, de forma a demonstrar à população local como as forças estatais se comportavam com os guerrilheiros⁵.

Após a Aciso, foi desencadeada a Operação Peixe, contando com cinco fases:

Entre março e outubro de 1972, algumas operações militares foram realizadas na região do Araguaia – ao todo houve cinco “Operações Peixe”. A primeira delas teria o objetivo de levantar informações sobre “atividades subversivas” e capturar e destruir o inimigo, e foi chamada de “Peixe I”. Estas operações seriam marcadas por uma série de dificuldades e as ações militares acabaram restringindo-se ao levantamento de informações, à prisão de alguns militantes e à descoberta de esconderijos já abandonados pelos guerrilheiros⁶.

A Operação Peixe II teve como objetivo “levantar mais informações”⁷. A Peixe III, “realizar uma incursão com tropa sobre o ‘ALVO’ a fim de capturar, neutralizar e/ou destruir o inimigo”. Ou seja, tratava-se de uma nova ofensiva”. Já a fase IV objetivava “realizar o levantamento de informações na região de Marabá-Xambioá, a partir dos dados obtidos nas operações anteriores, e ‘aprofundar os dados quanto à localização, valor e identificação do inimigo’”. Na fase V, se “repetia o objetivo de diversas outras de ‘neutralizar e/ou destruir o inimigo’”. A autora ainda destaca que “o relatório da Operação Peixe IV menciona que, ‘para mascarar a chegada do avião em Xambioá, será desenvolvida uma Aciso’”⁸.

1 Claudia Calvo, 4.

2 Mechi 2015, 230.

3 Ibid, 253.

4 Ibid, 255.

5 Ibid, 259.

6 Ibid, 239.

7 Ibid, 240.

8 Ibid, 244.

Como se nota, há similaridades que precisam ser compreendidas nessas Operações. Obviamente, trata-se de operações de caráter nacional, mas suas ações demonstram uma mesma lógica – primeiro reconhecer o espaço onde o inimigo opera. A diferença aqui é que, no caso brasileiro, a estratégia foi a de trazer os adeptos do inimigo para o seu campo de ação. Na Argentina, a de mapear o campo inimigo, que havia sido aquele prenunciado por Trinquier e que foi discutido nos capítulos anteriores.

Os trabalhos para desbaratar as Colunas Montoneras iniciaram-se em 1975, desencadeando a Fase I, podendo-se ver que

Debido a las tareas de captación y adoctrinamiento en que se encontraba esta BDT, el Cdo Br I VII pone en ejecución el Operativo TOBA I con el que se logra la reunión de importante información que posteriormente permiten detectar e individualizar a la mayoría de los integrantes de esta organización que se encontraban mimetizados dentro de la población y especialmente en la zona rural, donde encontraron campo propicio para la realización de sus fines, explotando en especial la situación económica por la que atraviesa el país¹.

Os integrantes do Comando de Brigada de Infantaria VII também gerenciaram centros clandestinos de detenção, conforme informa o Diário Momarandu, em notícia de 2003, em que se abordam as denúncias de graves violações ocorridas na região. Além desse Comando, as denúncias versam sobre os aparatos clandestinos de repressão, subsidiados pelos próprios chefes, nas localidades onde foram desencadeadas as diversas fases da Toba, sendo eles:

Comando del Segundo Cuerpo del Ejército (asiento en Rosario): Comandantes Generales de División Ramón Díaz Bessone (septiembre de 1975 a septiembre de 1976); Leopoldo Galtieri (desde octubre de 1976 a enero de 1979); Luciano Jáuregui (febrero de 1979 a diciembre de 1980). Segundos Comandantes Generales de Brigada: Otto Carlos Paladino (septiembre de 1975 a enero de 1976); Andrés Anibal Ferrero (febrero de 1976 a diciembre de 1977). Comando de Subzona 23. Sede: Brigada de Infantería VII (asiento en ciudad de Corrientes). Comandantes Generales de Brigada: Cristino Nicolaides (febrero de 1976 a diciembre de 1977); Eugenio Guañabens Perelló (enero de 1978 a enero de 1980). Regimiento 9 de Infantería (asiento en Corrientes). Jefes: Tenientes Coroneles José Félix Aguiar (enero a diciembre de 1976); Adolfo Pietraneve (enero de 1977 a diciembre de 1978); Francisco E. Gassino (desde enero de 1979). Compañía de Telecomunicaciones 121 (asiento en Goya). Jefes: Mayores Walter Ernesto Domínguez (desde noviembre de 1976); Enrique Jorge Martínez (desde noviembre de 1979). Destacamento de Inteligencia 124 (asiento en Resistencia Chaco). Jefes: Armando M. Hornos (desde el 17 de noviembre de 1975); Herminio L.R. Quiroz (desde el 26 de noviembre de 1976); Roberto L. Martínez (desde el 27 de octubre de 1977); Ítalo César Pasquini (desde el 31 de octubre de 1979); Dardo W. Herrera (desde el 30 de septiembre de 1981). Destacamento de inteligencia 124 (asiento en Formosa). Jefes: Francisco J. Molina (desde el 11 de octubre de 1974); Eduardo Gustavo Gomar (desde el 8 de noviembre de 1977); Jorge Alberto Fariña².

1 "Ilda Reunion," Documento 246F0412.

2 "Centros clandestinos de detención y represores," *Momarandu*, March 23, 2003, https://www.momarandu.com/notix/noticia-old/10031_Centros-clandestinos-de-detenci-En-y-represores.htm.

A Toba I é a fase do mapeamento diagnóstico do que eles entenderiam ser a extensão da ação dos Montoneros, assim como fora a Operação Peixe I, com a diferença de que na Argentina as operações de mapeamento, que aqui ficaram conhecidas como Aciso, não foram separadas. Nessa lógica, tratariam como inimigos do Estado as reivindicações tanto de trabalhadores rurais quanto de estudantes, conforme pode ser observado a seguir. Ela teve como objetivo trazer a

reunión de importante información que posteriormente permiten detectar e individualizar a la mayoría de los integrantes de esta organización que se encontraban mimetizados dentro de la población y especialmente en la zona rural, donde encontraron campo propicio para la realización de sus fines, explotando en especial la situación económica por la que atraviesa el país; utilizando a las Ligas Agrarias como pantalla y aprovecharon la ascendencia que tenían sobre los agricultores, sus principales dirigentes, caso LOVEY, ORIANSKY, PICCOLLI, etc.¹

Os nomes destacados no documento (Lovey, Oriansky e Piccolli) foram duramente caçados. Lovey fora torturado, juntamente com sua esposa. De acordo com ele, a repressão teve como mote a desarticulação e a desmobilização dos protestos. Embora a documentação do Exército argentino tenha como justificativa a informação ao Exército paraguaio de que se tratava de repressão aos Montoneros, Lovey alega que *"No tenía vinculación con ninguna acción armada porque no se generaron acciones armadas en el ámbito de las luchas campesinas, la cosa apuntó a desarticular, aniquilar su dirigencia e instaurar un modelo económico de concentración"*². Além do diagnóstico da região e do mapeamento das características da população, em princípios de Abril de 1975, levam a cabo "diversos procedimientos antissubversivos na região de Resistencia e no interior da Província do Chaco" que

que culmina con el desbaratamiento de parte de la Columna 26 que venía operando en el ámbito de la provincia desde que la citada organización decidió lanzarse a la clandestinidad y la que se encontraba estructurada en base a una UNIDAD SINDICAL, UNA UNIDAD TERRITORIAL y UNA UNIDAD ESTUDIANTIL, con asiento en RESISTENCIA; UNA UNIDAD en Pcia ROQUE SAENZ PEÑA; UNA UNIDAD en FORMOSA y UNA UNIDAD en RECONQUISTA, cuyo responsable de Columna y de Regional 1 NORDESTE, se encontraba a cargo del DT FERNANDO VACA NARVAJA (a) "GUSTAVO" Of My (actualmente se encuentra prófugo en el extranjero) y de esta Regional dependía la COLUMNA 27 con una UNIDAD en GOYA (Ctes), una UNIDAD en CORRIENTES y una UNIDAD en MISIONES³.

É importante destacar os motivos que levaram esses militantes, sejam eles Montoneros ou Liguistas à clandestinidade. Ao contrário do que relataram no documento, a opção pela clandestinidade fora uma saída encontrada para garantir-se a sobrevivência já que

Roque Sáenz Peña fue un lugar de concentración de detenidos ilegales durante la última dictadura, que particularmente sirvió como sede de paso para los integrantes de las Ligas Agrarias o personas vinculadas con ellos que fueron secuestrados en distintos operativos⁴.

1 "Ilda Reunion," Documento 0246F0412.

2 Gerardo Aranguren, "La justicia retomó la investigación sobre la represión a las Ligas Agrarias," *Infonews*, May 11, 2015, <http://www.infonews.com/nota/199218/la-justicia-retomo-la-investigacion-sobre>.

3 "Ilda Reunion," Documento 246F0412.

4 "Chaco: buscan restos de desaparecidos en el predio de la alcaldía de Roque Sáenz Peña," *Fiscales.gob.ar*, August 19, 2014, <https://www.fiscales.gob.ar/lesa-humanidad/chaco-buscan-restos-de-desaparecidos-en-el-predio-de-la-alcaldia-de-roque-saenz-pena/>.

A Promotoria de Resistência ainda informa que pelo Governo da Província “*pasaron al menos unas 150 personas relacionadas con las Ligas*”¹. Mas esse lugar era uma passagem apenas. Era lá que aconteciam as torturas, mas estas “*continuaban en la Brigada de Investigaciones de Resistencia, uno de los centros clandestinos más grandes de la zona*”². Todos esses dados, segundo a reportagem do domínio do Ministério Público Fiscal, eram “*para obtener información en el marco de los operativos Toba realizados en toda la región del nordeste. Participaba el Ejército con sus helicópteros*”.

Na sequência, no mês de agosto de 1976, colocaram em execução a fase II denominada Operação Toba II

con el cual se logra el aniquilamiento del Destacamento 1 con asiento territorial en MISIONES; desbaratamiento del aparato logístico y territorial de CORRIENTES y estructura estudiantil de RESISTENCIA con la detención de todos sus integrantes, ambas estructuras componentes del Destacamento 3 “RESISTENCIA-CORRIENTES”. También se desarticularon totalmente el Destacamento 2 “GOYA”, quedando la única estructura de la organización sin desbaratar en forma total, la UBC Interior del CHACO, la que actualmente contaría con un efectivo de 10 a 12 integrantes, los que debido al constante accionar de las FF LL se encuentran dispersos en una amplia zona que abarcaría distintas localidades de la zona centro y noroeste de la Provincia en las cuales predomina la Vegetación boscosa³.

Destaca-se no documento que, dentre as vítimas da repressão, além dos camponeses, organizados ou não, a ação repressiva foi extensiva aos estudantes.⁴ Além disto, a operação ocorre quase um ano depois da primeira, que foi a fase de implantação e organização do Golpe.

A terminologia utilizada remete à descrição de um campo de guerra, no qual se desenrolam batalhas. O “Destacamento 1 com assento territorial em MISIONES”, refere-se, na realidade, aos integrantes do *Movimiento Agrario Misionero* (MAM), um dos que possuía o maior número de militantes e que se destacou pelas ações reivindicativas e de protesto⁵.

A referência ao desbaratamento do movimento estudantil “Destacamento 3 – Resistencia-Corrientes” – remete à brutal repressão contra esses jovens que já vinham se mobilizando no último governo peronista, por reivindicações educacionais e que foram os primeiros a protestar massivamente contra o golpe bonapartista de 1976. Ainda conforme estudo de Galafassi,

Es importante comenzar mencionando que entre 1955 y 1976, el “interior” (es decir las regiones extra-pampeanas) tuvo un protagonismo importante en la política argentina debido, en un principio, a la “resistencia peronista” que siguió a la destitución de Juan Domingo Perón por la dictadura militar de Lonardi–Aramburu (llamada Revolución Libertadora), pero especialmente a partir de la dictadura militar instaurada en 1966 (llamada Revolución Argentina), y luego

1 “Chaco: buscan restos.”

2 Ibid.

3 “Ilda Reunion,” Documento 246F0412.

4 Aqui não me deterei em analisar a repressão aos estudantes, mas traz-se como referência o episódio conhecido como episódio conhecido como *La Noche de los Lápidas*, que deu ensejo ao documentário que leva o mesmo nome, ocorrido na região de La Plata em 1976, portanto, no mesmo ano em que estudantes secundaristas que reivindicavam diminuição do valor de passagens de ônibus foram presos, torturados por meses e finalmente assassinados cujos corpos desapareceram. Tudo isso justificado pelo combate aos Montoneros.

5 Galafassi 2006, 166.

del masivo levantamiento obrero-estudiantil de Córdoba en mayo de 1969 (Cordobazo). Tras este último, los levantamientos y rebeliones populares crecieron hasta que fueron abruptamente “aniquilados” por la dictadura instalada en 1976, la cual dejó una cifra de cerca de 30 000 desaparecidos¹.

Observa-se que, da forma como relatam os militares, não se tratava de pessoas, mas sim de um “destacamento”, ou seja, uma praça de guerra que foi aniquilada, e que foram exterminados todos os seus integrantes. Em Misiones, os relatos sobre os centros clandestinos informam que:

Tuvo conocimiento que previo a estas detenciones y dentro del marco del Operativo denominado TOBA, las fuerzas conjuntas de la policía provincial, el ejército y gendarmería instalaron un campamento en el camino de la Ruta 8, a orillas del Arroyo Acaraguá y en cercanías del Salto Chávez de Campo Grande, lugar que luego fue reconocido como el centro clandestino de detención y tortura de la zona centro.

Por este centro del horror pasaron muchísimos detenidos políticos, la mayoría de ellos pequeños colonos que tuvieron participación en las luchas agrarias. Allí padecieron Enrique Igor Peczak, Norma Yanzat y su señora madre, Mario Andrujovich, Juan Cieplinski, Matias Staquievich, Adán Holot, Sabino Mendoza y Alcaraz padre junto con dos de sus hijos y el compañero Ireneo Lopuch².

É interessante notar na narrativa do Exército Argentino, durante a *Reunion*, a preocupação numérica acerca das colunas de Montoneros que foram desbaratadas. Ao citar cada uma delas, aparecem os números de sua destruição, tal como se vê nesse fragmento “Destacamento I “MISIONES”: Posterior a sua desarticulação, não se detectou nenhum tipo de atividade subversiva. Se encontra destruído em 100%”³.

Assim como se destaca nesse fragmento, cada uma das colunas citada veio acompanhada pela indicação de seu ulterior aniquilamento. Foram elas Misiones, Goya, Resistencia – Corrientes, interior do Chaco. Exceto essa última coluna citada, com 90% de “aniquilamento”, usando as próprias palavras do documento, as demais foram destruídas em 100%.

A fim de reordenar a região e combater eventuais problemas futuros, foi formada a Operação Toba III. Os dados, embora não tão minuciosos quanto às ações, deixam claro que essa operação também teve caráter aniquilador na região.

O processo de repressão acontecido no Nordeste Argentino foi bastante grande e, como se viu, serviu à lógica de expansão do capital. Mas cabe destacar ainda que, além desses aspectos, o Exército lançou mão de prisões clandestinas, centros clandestinos de detenção e pilhagem para obter as informações acerca das Ligas que, em seu entender, estariam vinculadas aos Montoneros. Recentemente, descobriu-se como o expediente funcionou, nos marcos da Operação Toba.

Ao mesmo tempo em que a Argentina demonstrava a forma do desbaratamento, o Paraguai esforçou-se para conseguir informações internamente que pudessem interessar ao Exército amigo. Assim, ao relatar a Organização Primeiro de Março (OPM) e as etapas de sua organização, o Paraguai informou que haveria uma etapa de

1 Galafassi 2006, 160.

2 Báez 2011, 169.

3 “Ilda Reunion,” Documento 246F0413.

debilitamiento de las “fuerzas reaccionarias” y fortalecimiento de las “fuerzas revolucionarias” buscando el equilibrio de fuerzas y posterior desbalance en favor de la segunda para desencadenar en la guerra regular, la formación de fuerzas regulares y zonas liberadas, planteándose como hipótesis la liberación de zonas, algunas regiones limítrofes con la ARGENTINA¹.

A existência do dispositivo das Operações Toba é a evidência de que cada um dos grupos colocados sob suspeição estava sob a mira de táticas de guerra. E não qualquer guerra, pois se operava em formato diferente das guerras regulares. Pelo rigor das informações contidas no documento, é presumível que houvesse agentes infiltrados operando no interior dos movimentos.

A implantação da Operação seguia a lógica da suspeição e manutenção do capitalismo. Na Argentina,

Efectivamente, la implantación de un gobierno autoritario sostenido por una alianza cívico-militar se propuso transformar las bases económicas y sociales del Estado para re-fundar o re-construir el pacto de dominación capitalista. Este objetivo sólo era factible a partir de la redefinición del papel del Estado que implicaba, entre otras cosas, desmovilizar y disciplinar el comportamiento de los actores sociales y económicos. Como plantea Guillermo O'Donnell, el alto grado de activación política del sector popular aparecía como portador de una seria amenaza para la preservación del orden social de tal forma que estaba en juego la supervivencia de la condición capitalista de la sociedad y sus afiliaciones internacionales².

A *Reunion* apresenta ainda, como medida de salvaguarda, a definição de “medidas de contrainteligência” que foram tomadas, definindo-se em conjunto o que ambas as forças de segurança deveriam fazer para derrotar os Montoneros, especialmente. Para isso, sugere-se o “enlace pessoal dos integrantes do sistema de Inteligência de ambos os países”, medidas de segurança na fronteira, intercâmbio de informações sobre suspeitos, “aprofundar a ofensiva sobre a subversão”, tendo como frente as “atividades encobertas que realiza o PC [Partido Comunista] de ambos os países”; o intercâmbio de informação “ante a aparição de cidadãos sem documentação a fim de determinar a verdadeira identidade.”

Percebe-se, portanto, que os dispositivos utilizados em atividades bilaterais de inteligência formam um volume documental bastante elucidativo. Embora de conjunto, essas operações envolvendo duas nações componham um acervo documental maior e tenham servido de base de dados para operações maiores, como a Condor, por exemplo, temos operações diferentes acontecendo na mesma fase.

Fase IV e as conclusões relativas ao Sistema Internacional de Informações: o Terrorismo de Estado

A fase 4 da Operação não foi registrada nos documentos encontrados no Arquivo do Horror. Todavia, em meio à pesquisa bibliográfica sobre o tema, bem como da constituição, organização, reivindicações e posterior desbaratamento das Ligas Agrárias, foi possível encontrar alguns dados sobre sua existência. Ela ocorreu em 1977 e, de acordo

com Galafassi¹, foi essa fase que colocou o movimento liguísta em Misiones “fora da lei”. Tal medida só fora conseguida com

El ejército a cargo del Estado declara una guerra en donde el enemigo es la subversión, cayendo en esta categoría tanto el Partido Auténtico, como la JP, los Montoneros y aquellos sectores del movimiento agrario más cercanos a estas expresiones políticas, especialmente los allegados a las Ligas Agrarias Misioneras².

Tais medidas adotadas pelo Exército Argentino, sob autorização do Estado, encerram as mobilizações das Ligas em Misiones. Roze³ informa que Misiones foi ocupada pelo Exército “para ganhar a paz”.

As Operações Encobertas eram orientadas pela ótica do anticomunismo, da luta contra o “subversivo”, na linha de Guerra Contrarrevolucionária, combatendo o inimigo dentro e fora de sua nação.

As atividades de trocas de informações, transferências de presos ou sistemática vigilância aos “subversivos” foram uma constante durante a segunda metade do século XX no Cone Sul e se embasaram nas Doutrinas de Guerra Contrarrevolucionária, estendendo ao interior das nações a ideia do inimigo interno. Conceito bastante elástico, em que pudessem nele caber quaisquer denominações desejadas: “subversivos”, “comunistas”, “sindicalistas” ou mesmo “estudantes”.

É importante destacar o caráter didático das discussões. Longe de ser um encontro que objetivasse formalizar as formas de combate à “subversão”, a ideia preconizada nos documentos é a da didaticização dos informes argentinos. Há um formato específico, em que se desencadeia paulatinamente a descrição das fases da Operação. Os dados reunidos demonstram que Toba I teve o caráter de levantamento das informações. E isso aparece bem explicado aos paraguaios durante a *Reunion*.

A fase II remeteu-se ao desbaratamento das Colunas de Montoneros, numa lógica em que imperou o tratamento de Guerra ou, para ser mais evidente: Doutrina de Guerra Contrarrevolucionária. Também a fase III caracterizou-se por esse teatro de guerra sendo desencadeado, efetivando um aparato que teve por objetivo sufocar as tensões e reivindicações de trabalhadores do campo e estudantes, garantindo a primazia do capital na região. Do que se percebe na bibliografia, a fase IV, foi do aniquilamento final.

Conforme se viu, as similaridades entre os processos repressivos no Brasil e na Argentina demonstram uma formação sistematizada, tendo como mote a “caçada” ao inimigo interno. Em que pesem terem sido ações nacionais, a atuação e sistematização das ações demonstram que ambas estiveram inseridas no Sistema Internacional de Repressão e, portanto, precisam serem verificadas sob um novo olhar: o do Terrorismo de Estado em marcha conjunta no Cone Sul.

→ Referências / References

Aussaresses, Paul. *Services spéciaux: Algérie 1955-1957*. Paris: Perrin, 2001.

Aussaresses, Paul. *Special Services: Algérie 1955-1957*. Paris: Perrin, 2001. [In French]

Báez, Amelia Rosa. *Misiones: Historias con Nombres Propios II*. Posadas: Ministerio de Derechos Humanos de Misiones, Subsecretaría de Derechos Humanos, 2011.

Calloni, Stella. *Operación Cóndor: pacto criminal*. México: La Jornada, 2001.

1 Galafassi 2008, 9.

2 Ibid.

3 Roze 1992, 86.

- Dreifuss, René. 1964: *a conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- Dreifuss, René. 1964: *the conquest of the state. Political action, power and class coup*. Petrópolis: Vozes, 1981. [In Portuguese]
- Fernandes, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. São Paulo: Globo, 2006.
- Fernandes, Florestan. *The bourgeois revolution in Brazil: an essay of sociological interpretation*. São Paulo: Globo, 2006. [In Portuguese]
- Frade, Carlos del. *El Rosario de Galtieri y Feced*. Madrid: El Eslabon, 2000.
- Galafassi, Guido. "Conflictos agrarios del Nordeste argentino en la década de los setenta." *Perfiles Latinoamericanos* 13, no. 28 (2006): 159–183.
- Galafassi, Guido. "El Movimiento Agrario Misionero en los años setenta. Protesta, movilización y alternativas de desarrollo rural." *Revista Herramienta: debate y critica marxista* 38 (2008).
- Mechi, Patrícia Sposito. *Os protagonistas do Araguaia: trajetórias, representações e práticas de camponeses, militantes e militares na guerrilha*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2015.
- Mechi, Patrícia Sposito. *The protagonists of Araguaia: trajectories, representations and practices of peasants, militants and military in the guerrilla*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2015. [In Portuguese]
- Pontoriero, Esteban Damián. "Estado de excepción y contrainsurgencia: el Plan Conintes y la militarización de la seguridad interna en la Argentina (1958–1962)." *Contenciosa* 4 (2015): 1–16.
- Robin, Marie Monique. *Escuadrones de la Muerte, la escuela francesa*. La Plata: De La Campana, 2014.
- Roze, Jorge Próspero. *Conflictos agrarios en la Argentina 2: el proceso liguista*. Buenos Aires: CEAL, 1992.
- Servetto, Alicia María. "Indio Toba no llorando aquel tiempo feliz... Otra vez, Otra vez. De la lucha política al Operativo Toba: las Ligas Agrarias del Nordeste Argentino y el terrorismo de Estado en los años setenta." *PolHis: Boletín Bibliográfico Electrónico* 6, no. 12 (2013): 160–174.
- Visacro, Alessandro. *Guerra Irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*. São Paulo: Contexto, 2009.
- Visacro, Alessandro. *Irregular warfare: terrorism, guerrilla warfare, and resistance movements throughout history*. São Paulo: Contexto, 2009. [In Portuguese]

Исследовательская статья

<https://doi.org/10.46272/2409-3416-2022-10-3-70-87>

Операция «Тоба» на северо-востоке Аргентины: распространение политики государственного террора (1975– 1977)

© Жуссарамар да Силва, 2022

Жуссарамар да Силва, доктор наук (История), научный сотрудник Центра истории Латинской Америки и Карибского бассейна Папского католического университета Сан-Паулу (Бразилия); научный сотрудник Лаборатории экономики и истории Федерального аграрного университета Рио-де-Жанейро (Бразилия)
Для корреспонденции: 05014-901, Бразилия, Сан-Паулу, ул. Монте-Алегри, 984

E-mail: jussaramar@gmail.com

Статья поступила в редакцию: 25.07.2022

Доработана после рецензирования: 27.08.2022

Принята к публикации: 07.09.2022

Для цитирования: Silva, Jussaramar da. "A Operação Toba no Nordeste Argentino: a disseminação do Estado de Terror (1975–1977)" [Operation Toba in Northeast Argentina: the spread of the State of Terror (1975–1977)]. *Cuadernos Iberoamericanos* 10, no. 3 (2022): 70–87. <https://doi.org/10.46272/2409-3416-2022-10-3-70-87>. [In Portuguese]

→ Аннотация

Целью данной статьи является анализ встреч между разведывательными службами Аргентины и Парагвая в 1970-х годах, в результате которых Аргентинская сторона передала Парагваю опыт внутренних репрессий с целью проведения совместных операций по политическому преследованию и уничтожению противников аргентинского и парагвайского режимов. Автор анализирует документацию, переданную Аргентиной Парагваю в 1978 году во время Региональной двусторонней встречи разведывательных служб «Ильда». В ходе встречи парагвайские военные получили руководство по стратегии и тактике ведения войны, разработанное аргентинскими вооруженными силами в ходе так называемой Операции «Тоба». Актуальность исследования Операции «Тоба» заключается в том, что это демонстрирует сходство репрессий, имевших место в других странах Южного конуса. Описанные методы и тактика показывают, что репрессии, осуществленные в ходе Операции «Тоба», схожи с репрессиями, проводимыми в других диктаторских режимах. Кроме того, основные элементы Операции «Тоба» имеют много общего с предписаниями широко распространенной Доктрины контрреволюционной войны, разработанной Францией во времена военных конфликтов в Алжире и Индокитае в 1950-е годы.

→ Ключевые слова

Операция «Тоба», разведывательные службы стран Южного конуса, Доктрина контрреволюционной войны, Двусторонняя военная конференция, гражданская диктатура, военная диктатура, корпоративная диктатура

Конфликт интересов: Автор заявляет об отсутствии потенциального конфликта интересов.